



LISBOA CULTURAL 1983

Realização: Manoel de Oliveira

Consultor histórico: Pe. João Marques

Direção de Fotografia: Elso Roque

Som: Joaquim Pinto, Vasco Pimentel

Assistente de realização: Júlia Buísel

Montagem: Manoel de Oliveira

Comentadores (por ordem de aparição): Eduardo Lourenço, Artur Nobre de Gusmão, A. H. de Oliveira Marques, António José Saraiva, Adriano de Gusmão, Luís Albuquerque, David Mourão-Ferreira, Maria de Lourdes Belchior, Jacinto do Prado Coelho, João de Freitas Branco, Flávio Gonçalves, Osório Mateus, José-Augusto França, Joel Serrão, João Gaspar Simões, José de Azeredo Perdigão, Eduardo Prado Coelho

Excerto de textos, poemas e peças teatrais: de Cesário Verde, D. Diniz, Fernão Lopes, Gil Vicente, Luís de Camões, Padre António Vieira, Almeida Garrett, Alexandre Herculano, Fernando Pessoa, ditos por Eunice Muñoz, Diogo Dória, Carlos Paulo, Teresa Madruga, Luís Lima Barreto, Alexandre de Melo, Luís Miguel Cintra, Maria Barroso, Manuela de Freitas

Encenador de "Frei Luís de Sousa": José Osório Mateus

Fado por: Amália Rodrigues.

Produção: World Film e Suma Filmes (Manuel Guanilho) para a Rádio-Televisão Italiana (RAI)

Cópia: 16mm, cor

Duração: 58 minutos

Estreia: RTP, a 18 de janeiro de 1984 na série "Capitais Culturais da Europa".

1. Regresso ao Documentário ou o Resultado de um Mal Entendido

Em Maio de 1982, a Trans World Film, empresa italiana filiada em Roma, por carta subscrita por Giacomo Pezzali, convidava-me para realizar um documentário. Mas entendi mal o italiano em que vinha escrita e erradamente supus que me convidava para uma entrevista a fazer a realizadores nas principais cidades da Europa. Acedi em carta redigida em português.

Tinha que me ausentar e não queria que se acumulasse a minha correspondência.

Não houve por isso tempo para traduções.

Com a nova carta de Pezzali em resposta à minha, é que me apercebi do erro de leitura em que tinha caído. Uma vez traduzida para português, esta última carta, compreendi não se tratar de entrevistas a realizadores, mas da realização de filmes sobre cidades — *Capitais Culturais da Europa*.

Este pequeno incidente desencorajou-me para uma negativa e nem sequer lhes falei do meu mal entendido, que eles sempre ignoraram.

E, assim, me vi de novo, subitamente, atirado para o documentário, fórmula cinematográfica por mim abandonada há muito e à qual jamais pensaria voltar, por amor à ficção.



Fotogramas do filme *Lisboa Cultural* (1983) de Manoel de Oliveira

Entretanto chegava a Lisboa o actor-realizador Tony Amendola como representante da Trans World Film. Em conjunto fomos falar com o Director do Departamento de Co-produção da Rádio Televisão Portuguesa, Fernando Lopes, que acolheu prontamente o projecto.

As condições entre a TWF e a RTP ficaram esclarecidas e eu tive de apresentar o esquema do que seria o filme. Este desenvolver apressado de coisas e o complexo contexto implicado num documentário como *Lisboa Cultural*, faziam-me antever as responsabilidades do empreendimento.

A pouco e pouco, as dificuldades que se me opunham, transformar-se-iam em estímulos e, graças à resposta pronta do director de produção, Manuel Guanilho, muitos dos escolhos se deram por vencidos na realização de *Lisboa Cultural*, principiada em 30 de Novembro de 1982 e a primeira cópia entregue à RTP em 3 de Maio de 1983.

2. Escolha da Cidade

Hesitei entre a cidade do Porto, velha e tradicional, e a capital que é de há longo tempo centro do poder. Na verdade, a cidade do Porto, apesar do seu enorme peso cultural e histórico, do seu carácter forte e muito particular não desfrutava da mesma capacidade de irradiação que por sua vez a cidade de Lisboa tem.



Como pretendia, justamente, escolher a cidade que mais globalmente envolvesse o país e que mais dele fosse símbolo, eis que a minha escolha teria de recair sobre Lisboa — menos característica, sem dúvida, mas muito mais confluyente e universal.

3. Esquema Adoptado

Depois de alguma reflexão optei por um esquema histórico-cultural onde, século a século, se desenrolassem por ordem cronológica os acontecimentos mais relevantes, partindo da conquista da cidade de Lisboa aos mouros, por D. Afonso Henriques, primeiro rei de Portugal, até ao 25 de Abril, digamos — até hoje.

Recorri, então, a um amigo, pe. João Marques, Professor de História na Universidade do Porto, para seleccionar com a sua valiosa colaboração, em uma primeira fase, os elementos que poderiam, ou deveriam figurar. Isto feito, logo compreendi que as imagens só por si seriam insuficientes para expor tão larga e variada matéria no curto espaço de uma hora, tempo imposto como condição, logo à partida.

Ainda com a ajuda do pe. João Marques elaborou-se uma lista de nomes entre os mais autorizados para, cada um em sua especialidade, explicar de viva voz as situações fulcrais compartimentadas no filme. Deste modo economizava-se no tempo do filme, era possível



Fotografia de rodagem do filme *Lisboa Cultural* (1983) de Manoel de Oliveira

reduzir o número de planos e, simultaneamente, tornar mais clara a exposição cinematográfica. Evitava-se uma abundância abusiva de pormenores, bem como evocações de um passado desaparecido, através de pinturas, desenhos, gravuras ou maquetes, reconstituições quase sempre duvidosas e sem presença viva. Limitei-me, de acordo com cada um dos autorizados intervenientes, a filmar com sobriedade o que pareceu essencial, desde o Castelo de S. Jorge à Universidade actual, desde o Cancioneiro da Ajuda aos modernos, passando por documentos e peças artísticas, não apenas pelo que podiam representar, mas principalmente atendendo ao valor intrínseco. Recorri à imprescindível presença dos actores para lerem, declamarem, recitarem ou representarem, segundo cada caso, dando vida aos excertos dos trechos escolhidos entre os nossos melhores prosadores e poetas. Não deixarei de assinalar que

todas estas presenças pessoais me pareciam que, para além de veículo do pensamento, de acção e de expressão portuguesas que eram, poderiam ficar como testemunho e amostra, no campo intelectual, universitário e teatral do meio lisboeta situado nos dias de hoje. Neste sentido, aqueles, os representantes do saber, serão também “actores” — isto é: intérpretes do preciso momento mental português que o seu espaço determine. O mesmo me parecendo ao mostrar, conjuntamente com o movimento das ruas e praças, a fisionomia da cidade na sua expressão quotidiana actual.

Estes trechos citadinos desenvolvem-se ligados ao fado, canção popular característica de Lisboa, expressão saudosista do fatalismo português. Tocado por um conjunto de guitarras e acompanhado por algumas violas, este fado, o fado do “Tejo”, compõe como que o *leit-motiv*,

① Lisboa Cultural	
	Entrada
NO MUSEU Gulbenkian	Esfera armilar (ou Almada) ou
NO RIO	Vida do rio, aspectos populares; Entrada e saída dos caixeiros,
NO CASTELO	Vista interior do castelo S. Jorge debruçado sobre a Sé e o Tejo. Ruínas Visigóticas, ruínas romanas.
NO RIO	MARATTA da Ribeira
ADAMASTOR	Palácio de Adamastor CORTE XIV
S. Apolónia	Armadas
Rua	POVO
Praça	"
Mercado	"
Super mercado	"
Beleza	Beleza

Documento de trabalho do filme *Lisboa Cultural* (1983), depositado na Casa do Cinema Manoel de Oliveira – Fundação de Serralves

que abre, que divide e que fecha o filme. Por sua vez, o fado cantado pela Amália, *Povo que lavas no rio*, que se ouve quase no princípio do filme, evocaria o contributo que a Capital recebe do interior e do resto do país, forças tantas vezes esquecidas, porém, verdadeiro sustáculo de Lisboa. Finalmente pensei que esta conjugação contribuiria ou favorecia uma visão sintetizada, concreta, objectiva, desmistificada, exposta século a século, daquilo que fomos desde a conquista de Lisboa (1147) até ao 25 de Abril (1974) — último acontecimento histórico português com profundo reflexo cultural e larga repercussão internacional.

4. Conclusão

Será, talvez, interessante referir que as individualidades em presença, em sua maioria

②	
	XV
Ribeira	Caras pescadores, baqueiros (povo)
Adamastor	Estátua XVI
Adamastor	Estátua
Interior	Custódia (nostal)
Jerónimos	Rosária XVII
Ajuda	Palácio
Diversos	Igrejas e piléritos XVIII
MARDE DEUS	Anjo pintura
Museu da Cidade	Terremoto
Boca do Inferno	Ondas efumante batem na praia
?	Alameda Garrett.

Manoel de Oliveira
Porto, 18 de Fevereiro de 1984
(in Manoel de Oliveira — *Lisbonne Culturelle*, Dis Voir, Paris, 1995)

filmadas em Lisboa, são oriundas do Norte, do Centro e do Sul do país, o que me parecia formar um conjunto próximo e mais representativo de um todo nacional. Se juntarmos a participação da Rádio Televisão Portuguesa, se juntarmos uma equipa técnica idónea e empenhada, se juntarmos os laboratórios e se juntarmos, finalmente, um conjunto de actores provenientes de diversos sectores teatrais, poderemos concluir que *Lisboa Cultural* acabou por ser um trabalho de conjunto, usando elementos variados e muito dispersos, reunidos numa comparticipação geralmente rara em documentários.